



ESPORTE

ção e Administração: Av. Alf. Penna, 789
ANNO I | **Semanario indepe**
Director Proprietario
JOSE LOPES CURY

OFFICINAS: RUA BLENDA, N. 1
Desportivo
Publica-se aos
Sabbados as 4 horas
NUMERO 2



Alvi-negros A "arrancada"

Soffrerá o Athletico Mineiro

Finalmente amanhã, que o Athletico Mineiro terá pela frente a poderosa esquadra americana, em uma partida de campeonato da Liga Mineira de Desportos Terrestres. O jogo de amanhã é esperado com grande ansiedade nas rodas esportivas de Belo Horizonte: Os teams de Athletico e Athletico sempre encontram, revolucionam o desportivo.

America F. C. tem, no momento, a sua equipe em óptimas condições de preparo.

Au grado a equipe athletica americana provavelmente uma das melhores actualmente possuímos, encontra-se no gremio alvi-verde um adversário assás respeitável, o que dará lugar para uma partida equilibradíssima.

ANTEIROS DA ESQUADRA ATHLETICANA
A linha dianteira do Club Athletico Mineiro está optimamente formada por Getulinho, Said, Jairo, Mario Weston.

A LINHA MEDIA
A linha de halfs da esquadra americana será a seguinte: Franco, Hugo.

O TRIANGULO FINAL
O triângulo final da esquadra mineira, está assim constituído: Chiquinho e Brant.

A PRELIMINAR
No fôrno do embate que precederá a contenda entre as turmas seletivas do Athletico e America, um desusado interesse e a certeza do triumpho reside nos coes dos alvi-verdes, como palpita



Ivo e Chiquinho
Ito daquelles que se acobertam com a flamma alvi-negra. É que nesse embate decidirá o resultado do segundo quadros.

ESQUADRA DO AMERICA
A «leve» americana apresentará na ordem seguinte: Goal-keeper—Zico.

Angueiros—Tonico e Souza. Half-backs—Parruda, Humbert, Alisson.

Forwards—Teixeira, Ralpo, Saúl e Canhoto.

OS JUIZES
Para dirigir a contenda principal designado o sr. José Avellino. A partida secundaria será arbitrada por



Jairo e Orion
trada por conhecido «sportman».

O QUADRO SECUNDARIO DO ALVI-NEGRO
O «cores» secundario do Athletico entrará o gramado, assim constituído:

Dunorte
Allemão e Binga
Cicero Mario Vianna e Furtado Jair, Ruy, Guerra, Daimy e Mourinha

Impressões da Joanesio Moreira, o sympathico director sportivo da equipe bi-campeã
Joanesio Moreira, conhecido nas rodas athleticas por Bahiano, não é jogador.

Não se sabe porque, abandonou há uns dois annos a pratica do esporte só apparecendo no gremio de futebol. É, entretanto, dos maiores entusiastas do gremio de Moura Costa, de que é director sportivo, funções que sabe exercer com dedicação e competencia.

Foi ali em frente ao Gloria que encontramos o nosso amigo Joanesio Moreira.

—Então «seu» Joanesio, lue nos diz do jogo Athletico X America.
—Que posso eu lhe dizer, serão que confio na victoria do meu club? Meu team está esty preparadissimo. Posso afirmar que poucas vezes os athleti-anos pisarão o gramado com tão accentuada probabilidade de victoria. A victoria do meu club é infallivel, não obstante termos alguns jogadores afastados das lides sportivas, nestes ultimos dias, por causa dos exames.

E, logo depois, como quem se recorda de alguma circumstancia de grande interesse:

—E' dois halfs que não inspira confiança. E' este o u club.

Mas isto triumpho, assim é que ainda qualq

E o Bahiano—se sempre espeto, de Experiment

Quest o de Raalini

feito, o «mi tado dos no que forma e vel' ala esq emittiu lant tos á marg

—O te victoria est contra o «U dissimo.

O refor de e valor maior conti assombrosa barreira op triângulo fi uma força todos, alé dos e dispos Duasse

G para «chanc te veneciá. E o Ra do.

«fare Diz

Chiquit Brant, na «neiro, e que causa de gri bancadas e de nomead

Ja tuli tar o Chiqu opinião, sob quando o e em compari

—Entã diz a «Gaz jogo Athlet equilibrada Digo, e Tratam

mais ou menos em pujança não poderá haver grande na acção de um e de o a parte que me cabe no o o possível para ver as osso club tremular victo-

Perigoso s do jogo eu direi ar prognosticos de jogadores que vão tomar partes, torciaran—se sempre es. Levados por essa opti

s, hontem, procurar o swaldo Costa (Perigoso), termos sua opinião sobre o tico X America.

—Se ir a casa do grande lvi—negro Lá chegando ramos, então, resolvemos ap, no treino do Athle-

o chegamos ao campo, pessoa que enco ntramos o. Resolvemos abordar—speito do jogo de dsmin-

ro sera' sensacional, por dos os quadros acham-se estado de treinos.

marci parte no matachi, e é um verdadeiro me—hosa posição de goal—aldera' brilhantemente as regrás.

e faço votos para que oingo transeorra na maior o, quer entre jogadores oreadores.

muito de meus compa—cam e, estou certo, que erocicamente affirm de que Alvi—negro seja bem de-

eu palpite? to ao palpite é como Depois do jogo direi... momento, o Bahiano

oió do treino, então o sympathico player e despedimo—nos.

go apertado, fala—nos Hugo cotres estava na galeria onde a estranha morda—ledotado Pires alcanhou de Tuntanhain.

Ensaio

Entre o jornalismo e as artes

Marcelino Rodrigues da Silva

Revista do Arquivo Público Mineiro

Revista do Arquivo Público Mineiro

133

Verdes Morrerá entre

rosas Morrerá deste anno ?

Como notamos que o cabo Jaques estava perseguindo uma «morrenha» e que ella ia tomar o bonde naquelle momento, resolvemos a «segural-o».

—Hugo, o que você pensa sobre o encontro d'amanhã?

—Penso que este jogo vai ser bem mais apertado que o primeiro. As condições de treino do America são muito melhores e o ardor do pessoal é mais intenso. Admitto, entretanto, a victoria do meu club, que, na minha opinião, depende de Said. Se este dianteiro, com seus companheiros de trio, estiverem dispostos a bater, é possível que o triumpho se verifique a nosso favor.

De minha parte, tudo farei para que o Athletico encerre o campeonato sem uma derrota.

—E o score? perguntamos.
—Será muito pequeno: 2 a 1 ou 2 a 0, a favor do Athletico.

Se Getulinho e Jairo estiverem dispostos a passar, e Said a shootar, a victoria será nossa.

Foi o que nos disse FRANCO. O esforçado half-direito do Athletico tem esta opinião sobre o jogo.

Acho que as dois teams estão mais ou menos em egualdade de forças. Creio, entretanto, na victoria do Athletico. A menos que haja qualquer fracasso imprevisivel como acontece nessas occasies, Eu me reputo treinadissimo. Assisti o ultimo treino do America e achei admiraveis os jogadores, principalmente os do triângulo final que estão magníficos. Apesar disso confio nos meus companheiros.

E terminou dizendo:
—Se Getulinho e Jairo estiverem dispostos a passar, e o Said a shootar! Meu Deus!...

Emfim, aguardemos o emocionante encontro de amanhã.
—E o score?
—O score será pequeno. Não passará de 2x2, pro ou contra.

Já estavamos satisfeitos, e estudamos a mão ao sympathico «fulbach» do Athletico Mineiro, agratificados.

Se eu fizer feio, fomo o fora da pequena Fala—nos o Canhoto.
Alfredo Moreira, o conhecido Canhoto, deu—nos a sua opinião com um vivo pittoresco que nos esforçamos em reproduzir com fidelidade.
—Vocês sabem que em jogo eu não dou partido a ninguém.
O jogo é jogado. Além disso minha «pequena» vai ao campo amanhã
E olhem: é uma «americana do papo amarello». Se eu fizer feio estou arriscado a tomar o fora.
É o Canhoto desapareceu, com a cabeça enfiada no seu «Príncipe de Gales», rumo á Avenida.

> A proposta de escrever sobre a história da crônica esportiva em Belo Horizonte leva, já de início, a considerar os diferentes sentidos em que a palavra “crônica” e a expressão “crônica esportiva” podem ser tomadas. Num sentido mais amplo, que remete às crônicas medievais – precursoras da historiografia moderna –, a palavra “crônica” significa a anotação dos acontecimentos mais relevantes sobre um determinado assunto, o registro da própria passagem do tempo, ideia que está inscrita na raiz etimológica do termo, que vem do grego *chronos*. Uma tarefa que, no mundo moderno, foi assumida principalmente pelo jornal, razão pela qual a expressão “crônica esportiva” é utilizada para fazer referência ao conjunto das produções jornalísticas dedicadas ao esporte.

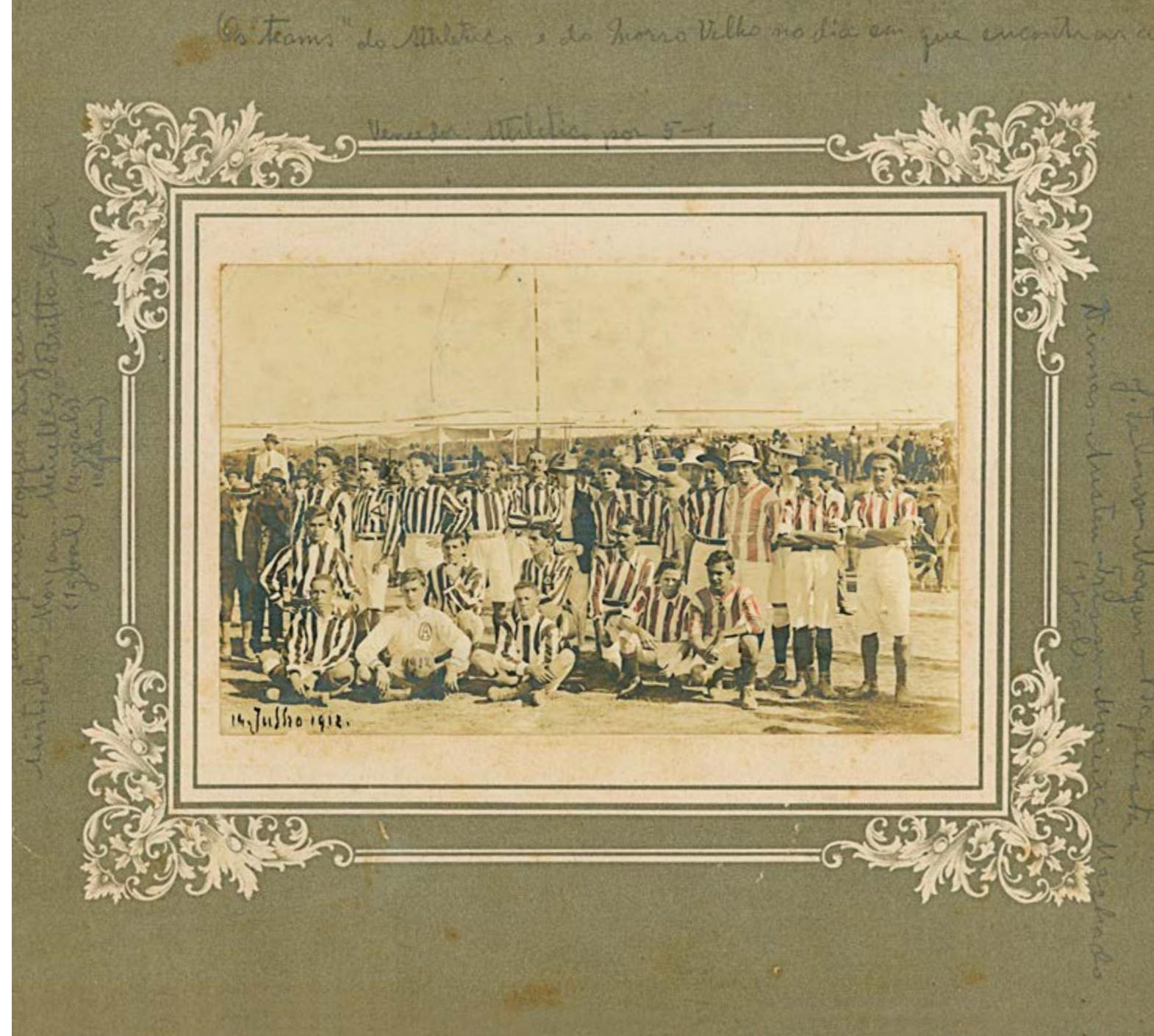
Num sentido mais estrito, a crônica é um gênero específico de textos, híbrido de jornalismo e literatura, no qual os fatos do cotidiano são objeto de uma abordagem livre das regras do ofício jornalístico, com espaço para o lirismo, a visão pessoal, o humor, o drama, o jogo com a linguagem e até mesmo a ficção. Um gênero que, originário do jornalismo francês da primeira metade do século XIX, se desenvolveu de maneira peculiar no Brasil, constituindo uma tradição importante, para a qual contribuíram nomes como José de Alencar, Machado de Assis, Manuel Bandeira, Carlos Drummond de Andrade, Rubem Braga e muitos outros escritores consagrados.¹ Nesse sentido, a expressão crônica esportiva remete aos textos desse tipo que falam dos fatos do mundo dos esportes. No Brasil, em função de grande importância que adquiriu no país, o futebol foi o tema em torno do qual gravitaram os principais cronistas esportivos, como Mário Filho, Nelson Rodrigues, Armando Nogueira e João Saldanha.

Equilibrando-se entre esses dois sentidos, este trabalho explora panoramicamente a história da crônica esportiva em Belo Horizonte na primeira metade do século XX, com vistas a uma reflexão mais geral sobre

as relações entre futebol, literatura e artes no Brasil. Na cidade e no país, as redações de jornais e revistas foram, durante muito tempo, um lugar de trabalho e encontro para intelectuais, escritores e artistas. Se o jornalismo, como lugar de produção de discursos sobre o esporte, contribuiu para a invenção das formas como representamos, interpretamos e vivemos o futebol, pode-se supor que essa intimidade tenha tido consequências importantes na construção de nossa cultura esportiva. A partir dessa hipótese, pretende-se fazer um mapeamento, inicial e irremediavelmente incompleto, da crônica esportiva na capital mineira, apontando para a presença de personagens, ideias e tendências que circularam no universo artístico e cultural brasileiro durante esse período.

Uma história a ser contada

Embora a pesquisa acadêmica sobre o futebol tenha crescido bastante no Brasil ao longo das últimas décadas, a história do jornalismo esportivo em Belo Horizonte é ainda um assunto praticamente inexplorado. Convém assinalar, no entanto, que após uma fase em que os estudiosos se concentraram no esporte como lugar de construção da identidade nacional, privilegiando o contexto do Rio de Janeiro e de São Paulo, mais recentemente esse interesse se diversificou, alcançando diferentes aspectos do fenômeno esportivo. Assim, a história e as particularidades do futebol em outras cidades e regiões do país começaram a ganhar atenção, deixando de ser vistas apenas como reflexos tardios do que aconteceu naquelas duas metrópoles. Nesse sentido, vem surgindo um relevante conjunto de pesquisas e iniciativas dedicadas ao futebol em Belo Horizonte e Minas Gerais.² A esses trabalhos se soma uma farta produção não acadêmica, incluindo reportagens, livros, revistas e DVDs sobre a história de clubes e personagens esportivos da cidade, muitos deles motivados por conquistas e datas comemorativas.



Integrantes dos times Atlético Mineiro e Morro Velho em Belo Horizonte, 14 de julho de 1912. “Os *teams* do Atlético e do Morro Velho no dia em que encontraram-se. Vencedor: Atlético por 5x1. *Team* do Atlético: Nullo; Moretzon; Ulysses, Laranjeiras; Dopper; Sigaud; Aristides; Morgan (1 goal); Meirelles (4 goals, captain); Britto; Jair. *Team* do Morro Velho: J. Clemence; W. Williams; S. Clemence; J. Felonov; Morgan Baptista; Dimas; Aristeu; Trisise (1 goal); Moreira; Machado”. Arquivo Público Mineiro, Coleção Municípios Mineiros – MM -082(03). Belo Horizonte/MG.

Quanto ao tema específico da crônica esportiva, no entanto, a bibliografia disponível é extremamente reduzida. Além de uns poucos textos com esse foco, dispersos

em publicações diversas, alguns trabalhos de caráter mais geral sobre a trajetória do futebol na cidade trazem informações sobre o jornalismo esportivo, assim como

muita informação pode ser obtida por meio do trabalho em obras sobre outras áreas da história social e cultural de Belo Horizonte. Para avançar de forma consistente, portanto, o pesquisador deve se debruçar sobre fontes primárias, consultando arquivos de instituições públicas e privadas que guardam periódicos publicados na cidade e escavando documentos conservados por jornalistas, torcedores, jogadores, dirigentes e seus familiares. Além, é claro, da possibilidade de colher depoimentos de pessoas que participaram dessa história e que ainda se encontram vivas.

Entre os arquivos que podem ser consultados, estão a Coleção Linhares (sob a guarda da UFMG), a Hemeroteca da Biblioteca Pública Estadual Luiz de Bessa, o Acervo Público da Cidade de Belo Horizonte, o Museu Histórico Abílio Barreto, a hemeroteca da Biblioteca da PUC Minas, o Instituto Cultural Amilcar Martins e os arquivos de órgãos de comunicação, como o jornal *Estado de Minas*. Muito material pode, inclusive, ser consultado pela internet, como as revistas *Belo Horizonte* e *Alterosa*, bem como a coleção Revistas Diversas, disponibilizadas no portal da prefeitura da cidade,³ e boa parte da já citada Coleção Linhares, constituída por uma grande quantidade de publicações da imprensa belo-horizontina no período em foco.⁴

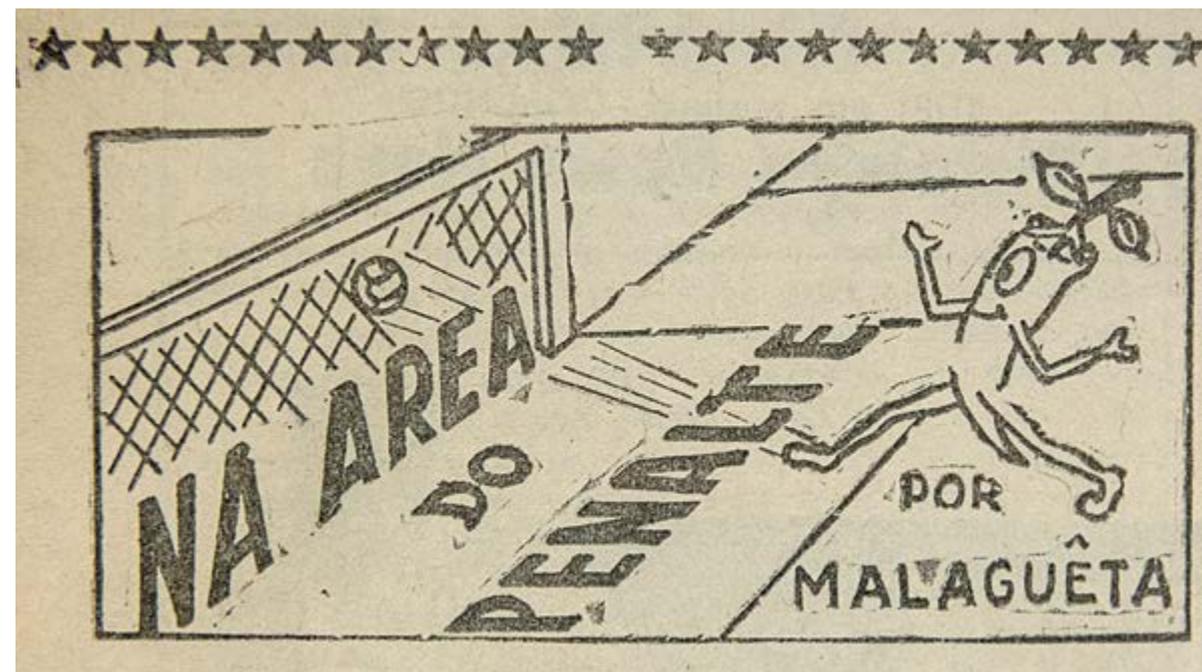
Para a realização deste trabalho, serviu como guia o *Itinerário da Imprensa de Belo Horizonte: 1895-1954*,⁵ publicação que trouxe à luz o extraordinário catálogo de periódicos elaborado pelo colecionador Joaquim Nabuco Linhares. Consultando seus verbetes e seus diversos índices, foi possível cruzar dados e nomes com obras sobre o jornalismo, a literatura e as artes na capital mineira, como o *Dicionário biográfico imprensa mineira*, de André Carvalho e Waldemar Barbosa,⁶ e o livro *O desatino da rapaziada*, de Humberto Werneck,⁷ dedicado à presença dos escritores na vida jornalística belo-horizontina.

Tempos heroicos

Em 13 de setembro de 1917, saía às ruas o primeiro número de *O Foot-ball*, o primeiro periódico especializado em esportes de que se tem notícia em Belo Horizonte. Logo na primeira página, ele se define como um “jornal essencialmente sportivo, tendente a desenvolver, na proporção de seus esforços, o entusiasmo da nossa mocidade pelas cousas de tão atrahente quão salutar divertimento, cuja origem foi embalada nas terras longínquas da loira Albion”. Em suas duas e provavelmente únicas edições, as notícias sobre os acontecimentos esportivos se misturam a apelos aos poderes públicos, notas maliciosas, comentários sobre a presença de mulheres nos jogos, elogios a altas personalidades, críticas aos torcedores desordeiros, charges e sonetos de corte tradicional com temática esportiva. No ano seguinte, aparece *O Treno*, segunda publicação do gênero na capital mineira.

Naquele momento o futebol já era, em Belo Horizonte, um fenômeno em franca expansão. As primeiras tentativas de introduzi-lo na cidade, entre 1904 e 1906, tiveram vida curta, provavelmente em função dos costumes tradicionais da população, vinda em grande parte do interior do Estado. A partir de 1908, no entanto, a movimentação em torno do futebol volta com maior consistência e uma nova geração de clubes começa a aparecer. Ao longo da década de 1910, uma série de novas agremiações é criada, a primeira liga de clubes se forma e as primeiras competições oficiais são disputadas.

Com base nas ideias do sociólogo francês Pierre Bourdieu, Raphael Rajão Ribeiro interpreta essa fase da história do futebol em Belo Horizonte como o período de formação e consolidação do “campo esportivo” na cidade, ou seja, de constituição histórica de “um setor específico do universo social [...] espaço de relações objetivas e produção de capital social, o



Vinheta da crônica de Furtunato Pinto Júnior, *o Malaguêta*, no jornal *Folha de Minas*. Belo Horizonte, 11 de novembro de 1960. Hemeroteca Histórica da Biblioteca Pública Estadual Luiz de Bessa, BH.

qual envolve lógica própria de organização interna e de distribuição de prestígio entre seus integrantes”.⁸ Trabalhando com a questão da construção de identidades sociais por meio do esporte, Euclides de Freitas Couto faz leitura semelhante da presença do futebol na capital mineira nas primeiras décadas do século XX, considerando que “sua disseminação entre os jovens ricos fomentou a construção de uma identidade própria que lhes conferia mais *status* e prestígio e os diferenciava de outros grupos”.⁹

Nesse período, o futebol e outras modalidades esportivas, como o turfe e o ciclismo, já apareciam com alguma frequência nas páginas dos jornais e revistas. O circunscripto *Minas Geraes* (1898-), órgão oficial do Estado, por exemplo, costumava trazer notas sobre o esporte nas seções “Alheia” e “Festas e Diversões”, que noticiaram em 1904 o surgimento dos primeiros clubes de futebol da cidade. O mesmo acontecia com outros periódicos,

como os jornais *Folha Pequena* (1904-1905), *A Epoch* (1904-1906) e *Vida Mineira* (1904-1906), na década de 1900, e no decênio seguinte a elegante revista *Vita* (1913-1914) e grande parte dos jornais diários, como o *Estado de Minas* (1919-1922), o *Correio da Tarde* (1917-1918) e o *Diário de Minas* (1899-?).

Mas, nas primeiras décadas do século XX, Belo Horizonte era ainda uma cidade muito jovem, com uma população relativamente pequena, onde não existia, a rigor, uma imprensa moderna e empresarial. No texto de apresentação do catálogo de Joaquim Linhares, Maria Céres Castro chama a atenção para o caráter transitório e particularizado das publicações da época, incluindo jornais e revistas noticiosos, políticos, literários, culturais, humorísticos, associativos, esportivos, operários, ligados a comunidades religiosas e de imigrantes etc.: “São ‘folhas ao vento’, dispersas, efêmeras, modestas, artesanais, que guardam pouca

ou quase nenhuma semelhança com o que hoje conhecemos como ‘imprensa’”.¹⁰

A bola e as letras

Nesse primeiro momento, portanto, o jornalismo esportivo belo-horizontino era feito por esforços isolados de entusiastas do esporte e poucas vezes ia além das notas, em tom de coluna social, nas quais o futebol era visto como parte de um estilo de vida moderno, ainda incipiente na jovem cidade. Seguindo o caminho de outros modismos que chegavam do exterior, passando pelas principais metrópoles do país, sua linguagem se caracterizava pelo tom pomposo, pelo farto uso de anglicismos e pelo privilégio à dimensão pedagógica e social dos eventos esportivos. Não havia, ainda, uma distinção precisa entre espaços noticiosos, de opinião e de exercício artístico e literário.

Como observa Ribeiro, muitos dos cronistas daquele tempo eram os próprios praticantes do esporte, cuja “dupla atuação garantia o intenso diálogo entre os periódicos da época e o público entusiasta daquela modalidade”.¹¹ No entanto, a própria lógica de constituição do campo esportivo impunha a necessidade de alguma especialização. Desse modo, em 5 de agosto de 1919, o *Estado de Minas* informa a criação de uma Associação dos Cronistas Sportivos.¹² Fica clara, assim, a coincidência entre o universo esportivo e a chamada “cidade das letras”, o círculo estrito composto pela fração da sociedade que dominava a cultura letrada e fazia disso um instrumento de prestígio e negociação com o poder político.¹³

Interessante observar, entre os personagens que se envolviam com o futebol nesse período, a presença de nomes que ficaram famosos em outros setores, entre eles a literatura. Como Eduardo Friere, que integrou os quadros do Sport Club, em 1905, participou da

fundação do Yale Athletic Club, em 1910, e mais tarde faria notável carreira como escritor, crítico e professor de literatura. Outro escritor importante que se envolveu com o esporte nessa época foi Aníbal Machado, integrante do grupo que introduziu em Belo Horizonte a literatura modernista – com Carlos Drummond de Andrade, Pedro Nava, João Alphonsus de Guimaraens e outros – e que consta dos anais do Atlético Mineiro como o autor do primeiro gol da história do clube, em 1909. Um poema de Drummond intitulado “Craque”, no volume II da série memorialística *Boitempo*, dá ainda a notícia de uma atuação do jovem poeta Abgar Renault num *match* entre o Instituto Fundamental e o Colégio Arnaldo, pelos idos da década de 1910.¹⁴

De modo geral, a despeito das tensões que atravessavam tanto o universo esportivo quanto os mundos jornalístico e literário, a imprensa dessa época contribuía para a difusão de uma visão do futebol como modismo elegante de uma elite sintonizada com a “civilização”, tal como em outras metrópoles do país. Numa cidade recém-fundada, em que a paisagem urbana, moderna e republicana convivía com uma população provinciana, o futebol e a crônica esportiva participavam de um esforço mais amplo pelo progresso da sociedade e dos costumes, segundo um projeto elitista de modernização compartilhado por boa parte dos esportistas, jornalistas, intelectuais, artistas e escritores.

O esporte das multidões

Ao longo das décadas de 1920 e 1930, esse cenário vai se transformando gradualmente. Belo Horizonte, que inicialmente era apenas um pacato centro administrativo, passa por um forte processo de expansão demográfica e espacial. Como em outras cidades brasileiras, a popularização do futebol, que já havia se iniciado nos anos 1910 com o surgimento de clubes de operários e moradores de

bairros mais humildes, intensifica-se radicalmente. Crescem as torcidas dos grandes clubes, altera-se o perfil do público, o amadorismo dos atletas dá lugar ao profissionalismo e o divertimento elegante dos primeiros anos se torna um espetáculo popular capaz de atrair multidões.

É também nesse período que começa a se desenvolver, na cidade, uma imprensa jornalística moderna e empresarial. Mencionando a renovação do parque gráfico e o surgimento de jornais como o *Correio Mineiro* (1926-1936), o *Diário da Manhã* (1927-?) e o *Estado de Minas* (1928-), Maria Céres Castro aponta a virada dos anos 1920/1930 como o marco do processo de modernização da imprensa na capital mineira: “a partir dos anos 30 vai-se delineando então o quadro de uma imprensa moderna”, com “jornais mais permanentes, de melhor qualidade gráfica” e “mais autônomos frente às mudanças conjunturais nos pólos de poder”. Além disso, ressalta a autora, “são evidentes as transformações na forma jornalística, em termos da linguagem, das rubricas técnicas e do projeto gráfico, bem como na distinção cada vez mais clara entre a direção do jornal [...] e a redação”.¹⁵ Foi nessa época, ainda, que o radialismo apareceu e se firmou em Belo Horizonte, com o surgimento de estações como a Rádio Mineira, em 1927, a Rádio Guarani, em 1936, e, nesse mesmo ano, a Rádio Inconfidência, de propriedade do governo mineiro, que alcançaria grande sucesso com uma programação aos moldes da Rádio Nacional, do Rio de Janeiro.

Em franco crescimento, o futebol não poderia passar ao largo desse novo momento dos meios de comunicação na cidade. As colunas e seções fixas dedicadas aos esportes nos jornais diários, que já existiam desde o final dos anos 1910, passam a ser publicadas com maior frequência e se ampliam, ocupando por vezes uma ou mais páginas inteiras. Movimento semelhante acontece com as revistas de variedades, como a

Semana Ilustrada (1927-?), a *Minas Ilustrada* (1934-?), a *Cultura* (1938-?) e a *Mineira* (1939-?), nas quais a matéria esportiva dividia espaço com a política, o humor, a literatura, as artes, a coluna social e a moda. Além disso, uma série de periódicos especializados vem à luz, geralmente, porém, com vida curta: *Minas Sport* (1925-?), *Vida Sportiva* (1927-1928), *Folha Esportiva* (1930-?), *Goal!* (1930-?), *O Chronista* (1932-?) e vários outros. Uma das publicações mais interessantes dessa época é a *Gazeta Esportiva* (1927-?), semanário humorístico e desportivo que trazia seções curiosas de caráter francamente cronístico, com títulos como “Entre torcedoras”, “Driblando...” e “Dizem por ali...”, algumas anônimas e outras assinadas por pseudônimos como Off-Sid, Tonmil e Candoca.

Em outros centros urbanos do país, movimento semelhante vinha em curso, o que acabaria levando a uma profunda transformação na linguagem e nas formas de tratamento jornalístico do esporte. Como ponta de lança desse processo no cenário nacional, destaca-se a figura de Mário Filho, com seu trabalho em jornais cariocas como *A Manhã*, *Crítica* e *O Globo*, no final dos anos 1920 e início dos 1930. Inspirado nas estratégias da imprensa sensacionalista, ele forja um jornalismo esportivo criativo e vibrante, que explorava agressivamente os modos pelos quais as classes populares vinham se apropriando do futebol.¹⁶

Forjando o próprio estilo

Na imprensa de Belo Horizonte, no entanto, é a partir dos anos 1940 que encontramos as transformações mais interessantes. A cidade vivia, nessa época, uma fase de intenso desenvolvimento, com o avanço da industrialização e do crescimento demográfico e espacial e a renovação de seu perfil arquitetônico e urbanístico. Liderada pelo prefeito Juscelino Kubitschek, a construção do Conjunto Arquitetônico da

Pampulha, entre 1942 e 1944, com a participação de nomes importantes da arte modernista brasileira, foi o marco da constituição dessa nova fisionomia urbana.

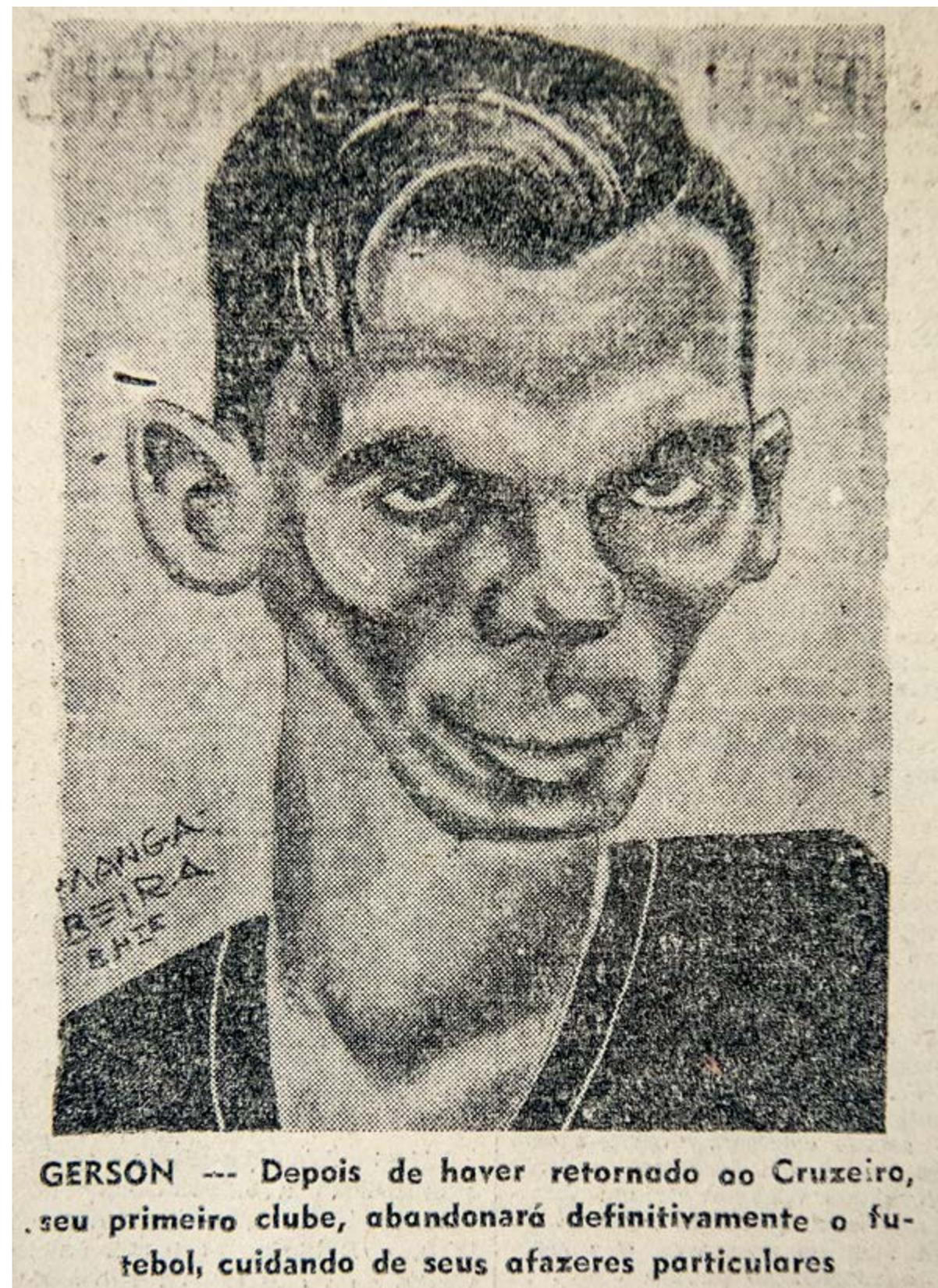
No mundo esportivo, os efeitos da popularização do futebol se faziam sentir por acontecimentos decisivos na história dos clubes. Em 1942, pressionado por hostilidades contra os italianos, em decorrência da Segunda Guerra Mundial, e por um decreto-lei do governo federal que proibia referências aos países do Eixo, o Palestra Itália muda de nome para Cruzeiro Esporte Clube, selando definitivamente sua opção por não ser mais um clube de colônia. Em 1943, o América, único dos grandes que não havia cedido ao profissionalismo, implantado em 1933, abandona finalmente o amadorismo. O Atlético, por sua vez, consolida sua imagem de clube eminentemente popular. No final da década, esse processo é coroado pela construção do Estádio Independência, com capacidade para 30 mil pessoas, para sediar jogos da Copa do Mundo de 1950.

Enquanto isso, o interesse dos meios de comunicação pelo futebol continuava crescendo. Nos grandes jornais, o espaço dedicado ao esporte se expande cada vez mais, chegando a se desdobrar em cadernos completos e até publicações independentes, como *O Diário Esportivo* (1945-1946), apêndice semanal lançado por *O Diário*, e a *Folha de Minas Esportiva* (1949-?), publicação diária lançada pela *Folha de Minas*. Revistas de variedades compartilhavam essa atenção – como a elegante e prestigiada *Alterosa* (1939-?), a *Revista de Minas* (1946-1948), a *Paisagem* (1947-1951) e a *Esfinge* (1949-1949) – e permanece intenso o movimento de criação de periódicos especializados, quase sempre de vida breve ou publicação esparsa, como a *Folha Esportiva* (1946-1946) e as revistas *Minas Esportiva* (1943-1946) e *Vida Esportiva* (1946-1950). No verbete sobre *O Diário Esportivo*, Joaquim Linhares anota:

Não é preciso proclamar que teve grande circulação, porque na época que atravessamos, o futebol a quase todos empolga e tudo avassalou. E aí do jornal que não consagrar a este gênero de esporte desenvolvida seção. Se isso não fizer, verá irremediavelmente suas edições encalhadas nas agências e bancas.¹⁷

Quanto ao rádio, sua participação mais ativa na vida esportiva belo-horizontina começa em 1937, com o surgimento do programa *Esportes pela Antena*, da Rádio Guarani, onde despontou Álvaro Celso Trindade, o Babaró, conhecido como o primeiro narrador de futebol da cidade.¹⁸ A partir daí, ampliaram-se os espaços dedicados ao esporte em outras rádios, nos quais apareceram nomes como Paulo Nunes Vieira, Moacir Gama, Armando Alberto e Jairo Anatólio Lima. Mas é no início da década de 1950 que o radialismo esportivo belo-horizontino passa por sua revolução particular, com a compra da Rádio Itatiaia pelo incansável Januário Carneiro. Com estratégias agressivas e de forte apelo popular, a equipe comandada por Carneiro renovou a cobertura esportiva, fazendo da Itatiaia uma verdadeira potência, que teve papel importante no crescimento do futebol na cidade e no interior do Estado.¹⁹

Nos jornais diários e periódicos especializados, a linguagem vai se tornando mais acessível e o noticiário, mais vibrante, farto em desenhos, fotografias e manchetes provocantes, com foco no desempenho dos times, na trajetória dos jogadores e nas expectativas e reações dos torcedores. Ficam mais claras as distinções entre os gêneros e rubricas jornalísticas e multiplicam-se os espaços dedicados a diferentes formas de abordagem dos acontecimentos esportivos. Em 1945, por exemplo, *O Diário Esportivo* trazia em suas páginas curiosas seções, como as “Cartas imagináveis”, de caráter francamente ficcional, as “Notas em boladas”, de Gervásio Valdemar, com letras de canções sobre o



Mangabeiras (Fernando Pieruccetti, 1910-2004). Retrato caricatural do jogador Gerson. *Folha de Minas*, 11 de outubro de 1957. Hemeroteca Histórica da Biblioteca Pública Estadual Luiz de Bessa, BH.

esporte, e “Os apelidos dos cracks”, que explorava em caricaturas os nomes curiosos dos jogadores. Naquele mesmo ano, surgiam na *Folha de Minas* as charges de Fernando Pieruccetti, o Mangabeira, lançando os bichos que até hoje representam os clubes mineiros. Já a *Folha de Minas Esportiva*, em 1949, publicava diariamente a coluna “Venenos da torcida”, com crônicas assinadas por Trigo Roxo, e traz em algumas edições charges do jovem Borjalo. No mesmo ano, Fortunato Pinto Júnior, o Malagueta, começa sua trajetória como cronista esportivo do *Diário de Minas*, onde assinou por muito tempo a coluna “Grão de pimenta”, com textos ácidos, irreverentes e polêmicos, que marcaram época na imprensa mineira.

Interessante observar, nessas publicações, a intensa participação de nomes conhecidos do cenário intelectual e artístico da cidade. Já foram mencionados Fernando Pieruccetti, que venceu a primeira exposição de arte moderna realizada em Belo Horizonte – o Salão do Bar Brasil, em 1936 –,²⁰ e Borjalo, que nas décadas seguintes faria notável carreira como cartunista de projeção internacional e titular de diversos cargos de direção na TV Globo. *O Diário Esportivo* tinha como um de seus diretores o escritor João Etienne Filho, famoso por sua atuação como incentivador de talentos literários, e a *Folha de Minas Esportiva*, gestada na redação de outro celeiro de escritores, a *Folha Minas*, dirigida por Wilson Figueiredo, poeta e jornalista que protagonizou episódios importantes da vida literária mineira, antes de se mudar para o Rio e cumprir longa trajetória no *Jornal do Brasil*.

Amálgama de identidades

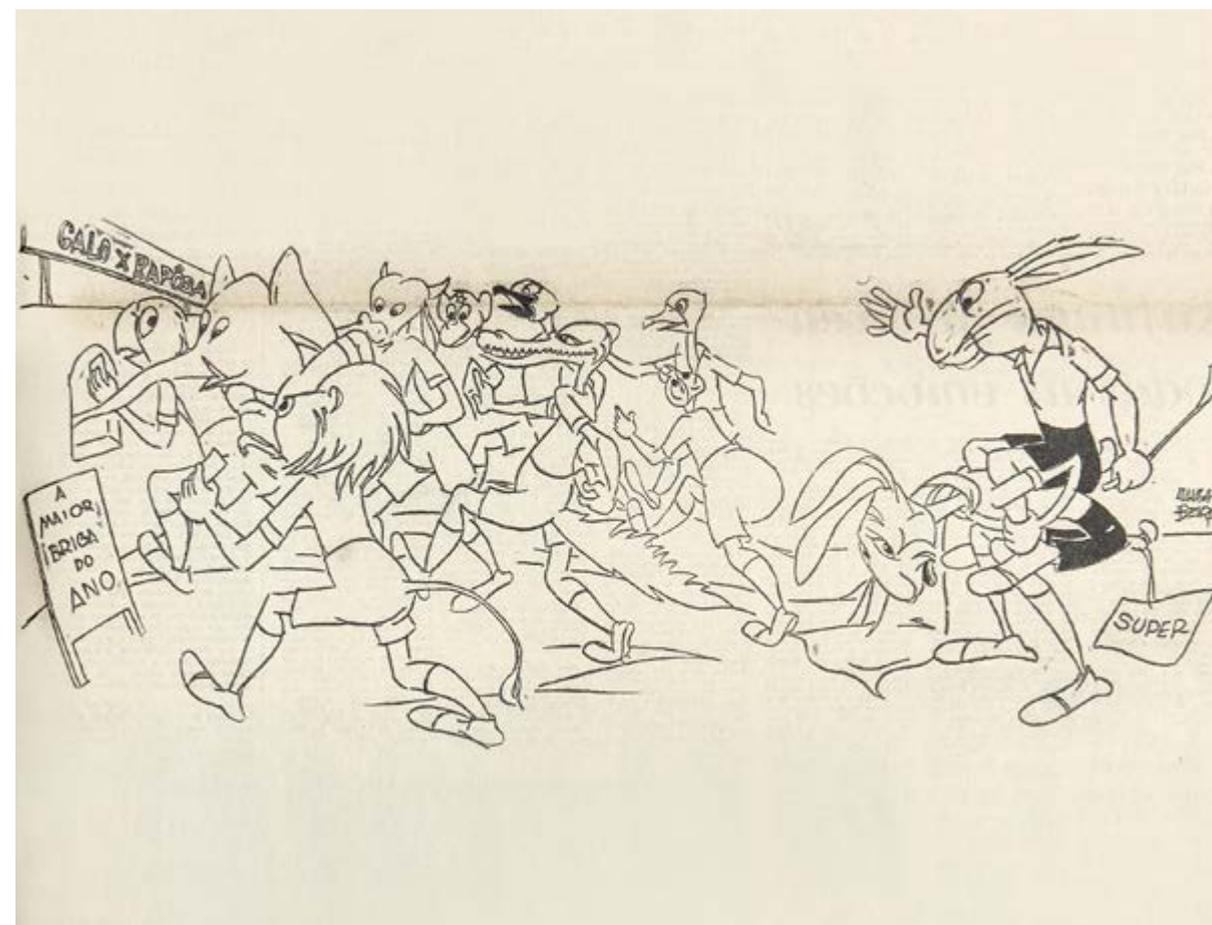
Nessa época, entretanto, a participação de escritores e artistas na imprensa esportiva tem um sentido bem diferente do que tinha nas primeiras décadas do século. O futebol já não era mais um passatempo elegante e

exclusivo de jovens sintonizados com a civilização e a modernidade, mas um esporte das multidões, que atraía os intelectuais justamente por essa ligação íntima com o povo, vista como caminho para um projeto mais abrangente de modernização da sociedade brasileira. Testemunhando essa intimidade, encontra-se na edição de 16 de agosto de 1945 de *O Diário Esportivo* uma curiosa reportagem intitulada “Os intelectuais e o esporte”, assinada por Cláudio Tavares, na qual se lê que “os escritores de hoje querem viver com o povo”, “sentir as suas mais puras emoções, registrar seus grandes momentos”, e que “um estádio repleto de uma multidão heterogênea é um ótimo campo [...] para o estudo dos temperamentos humanos”.

Alguns anos mais tarde, no dia 26 de setembro de 1949, o cronista Trigo Roxo, em sua coluna na *Folha de Minas Esportiva*, responde assim a uma crítica do escritor e historiador Augusto de Lima Júnior ao futebol:

No nosso fraco entender, o escritor que assim procede, falha na sua missão, a qual seja a de elevar o nível intelectual do povo. A arte não foi feita, evidentemente, para uma classe de privilegiados. [...] Ora, um intelectual que deixa de lado as preferências do povo, condenando-as como nocivas, deixa de ser um artista na sua verdadeira concepção, para se tornar um “snob”.

Podemos surpreender, nos jornais e revistas desse período, diversos momentos em que essa convergência entre o jornalismo esportivo e os projetos dos artistas e intelectuais que participavam de sua produção vem à tona. Numa série de crônicas publicadas pelo historiador Abílio Barreto na revista *Alterosa*, entre 1945 e 1946, a lembrança da história do esporte na cidade pode ser interpretada como a criação de uma tradição, passo importante para a construção de um sentimento de comunidade baseado na ligação entre o passado e o presente.



Mangabeira (Fernando Pieruccetti, 1910-2004). Bichos que representam os times profissionais de futebol de Minas, criação original do desenhista. Charge publicada no jornal *Estado de Minas*, 14 de janeiro de 1968. Hemeroteca Histórica da Biblioteca Pública Estadual Luiz de Bessa, BH.

O mesmo desejo de invenção de tradições e identidades pode ser percebido em matérias sobre os perfis dos clubes e seus torcedores, como a interessante reportagem de Sérvulo Tavares intitulada “Todos torcem no futebol”, publicada em 2 de agosto de 1945 no *Diário Esportivo* e republicada com alterações em 19 de setembro de 1949 pela *Folha de Minas Esportiva*, em que se lê por exemplo que o Atlético “é o preferido pelas massas do nosso futebol” e que “os proletários em geral são todos atleticanos”. Em entrevistas e biografias de jogadores, vemos a criação de personagens heroicos

e humanos, homens do povo identificados com o público e, ao mesmo tempo, protagonistas de feitos extraordinários dentro do campo. Como a trágica história de Guará, atacante do Atlético nascido em Ubá, que teve sua brilhante carreira interrompida por um violento acidente de jogo, em 1939, e se tornou verdadeira obsessão jornalística, merecendo inúmeras reportagens nos periódicos da época e um livro de Antônio Tibúrcio Henriques, intitulado *Cabeçada fatal*, publicado em 1968,²¹ com prefácio datado de 1949 e assinado por Ary Barroso, que era conterrâneo do jogador.

Desse ponto de vista, são exemplares as charges de Mangabeira, pseudônimo de Fernando Pieruccetti, lançadas na *Folha de Minas* em 1945 e publicadas até o início da década de 1970 no *Estado de Minas*. Com um traço leve e inacabado, que remete tanto à arte moderna quanto às tiras e histórias em quadrinhos, elas representam os clubes por meio de animais que em sua maioria pertencem à fauna brasileira, captando sinteticamente as marcas características de suas torcidas e tradições. Os acontecimentos do cotidiano esportivo são recriados num tom inspirado pelas fábulas de La Fontaine, transformando-se em lições de esperteza que dialogam com a cultura e os saberes do mundo rural e interiorano. Percebe-se com clareza a ligação entre o trabalho de Pieruccetti e os esforços modernistas pela descoberta de uma linguagem artística atualizada e original e pela invenção de uma identidade cultural a partir da mediação entre tradição e modernidade e da incorporação de elementos da memória popular. Os bichos de Pieruccetti foram assimilados pelo público e pelos meios de comunicação de uma forma tal que, nos dias de hoje, muitos se tornaram praticamente sinônimos dos nomes dos clubes, naturalizando as qualidades e significações sintetizadas pelo artista em sua criação.²²

Um gênero que se consolida

Paradoxalmente, portanto, a trajetória do jornalismo esportivo em Belo Horizonte – como no Brasil, de forma geral – não corresponde simplesmente a uma depuração da linguagem e das formas de abordagem dos fatos em direção à objetividade e à imparcialidade da notícia, dogmas do jornalismo moderno. Pelo contrário, o que se observa é um trabalho criativo na elaboração de novas formas de tratamento jornalístico do esporte, necessárias diante da popularização do futebol e das novas demandas simbólicas que dela

decorriam. Nesse processo, os artistas e escritores que circulavam pelas redações dos jornais e revistas tiveram certamente uma participação importante, como mediadores responsáveis por levar para os jornais e revistas as ideias, projetos e concepções estéticas que circulavam no cenário artístico.

Esse processo, evidentemente, relaciona-se a um movimento mais amplo, que vinha em curso na cultura esportiva brasileira, com o protagonismo da imprensa do Rio de Janeiro e, em menor escala, de São Paulo, em função da centralidade exercida por essas duas cidades nos diversos aspectos da vida nacional. Mas seria muito simplista considerá-lo apenas um reflexo tardio do que acontecia naquelas metrópoles, deixando de lado suas características e circunstâncias particulares. Ao longo do processo de desenvolvimento do jornalismo esportivo na capital mineira, especialmente nos anos 1940, vai gradualmente surgindo um conjunto particular de representações e estratégias editoriais, claramente atravessado por elementos e questões da vida mineira e belo-horizontina. Começava a ganhar contornos mais nítidos, então, o que se pode reconhecer hoje como uma mitologia esportiva local e regional.

Nas décadas seguintes, enquanto o próprio futebol belo-horizontino crescia e ganhava projeção nacional, essa nova mitologia se consolidou, incorporando-se aos espaços noticiosos e dando origem a inúmeros discursos sobre a história esportiva da cidade. Fixaram-se as identidades clubísticas, cristalizou-se uma galeria de personagens e acontecimentos do passado a serem constantemente lembrados, consolidou-se a rivalidade maior entre Atlético e Cruzeiro, compuseram-se hinos e publicaram-se livros, revistas e almanaques...²³ A televisão se juntou ao rádio e à imprensa e, ao lado dos nomes da década de 1940 que continuaram ativos, apareceram novos cronistas, chargistas, repórteres, narradores



Notícia da vitória do América F. C. no Campeonato Mineiro. Revista *Tank*, ano I, n. 5. Belo Horizonte, maio de 1919. Hemeroteca Histórica da Biblioteca Pública Luiz de Bessa, Belo Horizonte/MG.

e comentaristas, como Plínio Barreto, Jota Júnior, Fernando Sasso, Roberto Drummond, Oldack Esteves e inúmeros outros. No trabalho desses jornalistas, a tradição esportiva da cidade não apenas se reproduzia, mas continuava se transformando por um exercício contínuo de invenção do presente e reinvenção do passado.

Assim, não é casual que a ambiguidade da expressão “crônica esportiva” tenha servido de mote e viés a partir do qual foi realizado este mapeamento inicial da produção jornalística sobre os esportes na Belo Horizonte da primeira metade do século XX. Na verdade, ela é emblemática dos hibridismos e deslocamentos pelos quais foi construída a cultura esportiva da cidade, como expressão da



Em um acontecimento social, Juscelino Kubitschek e Januário Carneiro, fundador da Rádio Itatiaia. Belo Horizonte, década de 1970. Coleção Rádio Itatiaia, BH.

configuração particular que o processo de modernização do país adquiriu nesse contexto mais específico. Refletindo a mútua contaminação entre o jornalismo, a literatura e as artes, essa ambiguidade sintetiza o modo pelo qual as produções midiáticas e outros discursos não apenas representam e interpretam os fatos do mundo dos esportes, mas também ajudam a moldar a própria realidade histórica dos fenômenos esportivos, segundo as visões de mundo, as ideias, os interesses e os projetos em jogo na cena cultural.

RESUMO | Com vistas a uma reflexão mais ampla sobre as relações entre o futebol, a literatura e as artes no Brasil, o artigo faz um panorama da história da crônica esportiva em Belo Horizonte na primeira metade do século XX, buscando apontar, na cultura futebolística da cidade, a presença das ideias, projetos e concepções estéticas que circularam no universo artístico brasileiro nesse período.

ABSTRACT | Seeking a broader view of the relations between soccer, literature, and the arts in Brazil, this article presents a panorama of sport commentary in Belo Horizonte during the first half of the XX century, seeking to identify within the soccer culture of the city the presence of ideas, projects, and aesthetic concepts that circulated within the Brazilian arts community during this same period.

Notas |

1. Cf. ARRIGUCCI Jr., Davi. Fragmentos sobre a crônica. In: ARRIGUCCI Jr., Davi. *Enigma e comentário: ensaios sobre literatura e experiência*. São Paulo: Companhia das Letras, 1987. p. 51-66.
2. Entre teses, artigos, livros e eventos acadêmicos, cumpre destacar duas iniciativas de fôlego realizadas recentemente: o livro *O futebol nas Gerais*, coletânea com textos de diversos pesquisadores (SILVA, Sílvia Ricardo da; DEBORTOLI, José Alfredo de O.; SILVA, Tiago Felipe da (Org.). *O futebol nas Gerais*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2012.), e a exposição *Belo Horizonte F.C. - trajetórias do futebol na capital mineira*, no Museu Histórico Abílio Barreto.
3. Cf. <<http://portalpbh.pbh.gov.br/pbh/ecp/comunidade.do?app=arquivopublico>>.
4. Cf. <<http://www.linhares.eci.ufmg.br/>>.
5. LINHARES, Joaquim Nabuco. *Itinerário da imprensa de Belo Horizonte 1895-1954*. Belo Horizonte: Fundação João Pinheiro; Editora UFMG, 1995.
6. CARVALHO, André; BARBOSA, Waldemar. *Dicionário biográfico imprensa mineira*. Belo Horizonte: Armazém de Ideias, 1994.
7. WERNECK, Humberto. *O desatino da rapaziada: jornalistas e escritores em Minas Gerais*. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.
8. RIBEIRO, Raphael Rajão. O futebol em Belo Horizonte e a constituição do campo esportivo (1904-1921). In: SILVA; DEBORTOLI; SILVA (Org.). *O futebol nas Gerais*, p. 92.
9. COUTO, Euclides de Freitas. Os primórdios do futebol em Belo Horizonte: aspectos do pertencimento clubístico. In: SILVA; DEBORTOLI; SILVA (Org.). *O futebol nas Gerais*, p. 113.
10. CASTRO, Maria Céres Pimenta Spínola. Efêmeros e permanentes: os ardis da memória da imprensa de Belo Horizonte. In: LINHARES. *Itinerário da imprensa de Belo Horizonte 1895-1954*, p. 25.
11. RIBEIRO, Raphael Rajão. O futebol em Belo Horizonte e a constituição do campo esportivo (1904-1921). In: SILVA; DEBORTOLI; SILVA (Org.). *O futebol nas Gerais*, p. 101.
12. A Associação Mineira de Cronistas Esportivos (AMCE), existente nos dias atuais, foi fundada em 1939, com o nome de Associação dos Cronistas Esportivos de Belo Horizonte. Disponível em: <http://www.amce.org.br/index.php?pg=detalhada&id_noticia=17&area=1&link=especial>. Acesso em: 11 fev. 2014.
13. RAMA, Angel. *A cidade das letras*. Trad. Emir Sader. São Paulo: Brasiliense, 1985.
14. ANDRADE, Carlos Drummond de. Craque. In: ANDRADE, Carlos Drummond de. *Boitempo II*. 2. ed. Rio de Janeiro: Editora Record, 1990. p. 126.
15. CASTRO, Maria Céres Pimenta Spínola. Efêmeros e permanentes: os ardis da memória da imprensa de Belo Horizonte. In: LINHARES. *Itinerário da imprensa de Belo Horizonte 1895-1954*, p. 32.
16. Cf. SILVA, Marcelino Rodrigues da. *Mil e uma noites de futebol: o Brasil moderno de Mário Filho*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2006.
17. LINHARES. *Itinerário da imprensa de Belo Horizonte 1895-1954*, p. 415.

18. PRATA, Nair; SANTOS, Maria Cláudia. Enciclopédia do rádio esportivo mineiro: o desafio de biografar 371 radialistas. *9º Encontro Nacional de História da Mídia*. Ouro Preto: Ufop, 2013. Disponível em: <<http://www.ufrgs.br/alcar/encontros-nacionais-1/9o-encontro-2013/artigos/gt-historia-da-midia-sonora/enciclopedia-do-radio-esportivo-mineiro-2013-o-desafio-de-biografar-371-radialistas>>. Acesso em: 28 jan. 2014.

19. COSTA, Eduardo; MARTINS, Kao. *Uma paixão chamada Itatiaia: 50 anos de história*. Belo Horizonte: Rádio Itatiaia, 2002.

20. VIEIRA, Ivone Luzia. Emergência do Modernismo. In: RIBEIRO, Marília Andrés; SILVA, Fernando Pedro da (Org.). *Um século de história das artes plásticas em Belo Horizonte*. Belo Horizonte, C/Arte; Fundação João Pinheiro, 1997. p. 114-167.

21. HENRIQUES, Antônio Tibúrcio. *Cabeçada fatal*. Belo Horizonte, edição independente, 1968.

22. SILVA, Marcelino Rodrigues da. Notícias do futebol: a imaginação a serviço do esporte. In: OLIVEIRA, Leônidas Jose de (Org.). *Belo Horizonte F. C.: trajetórias do futebol na capital mineira*. Belo Horizonte: Fundação Municipal de Cultura; Museu Histórico Abílio Barreto, 2013. p. 65-73.

23. Sobre a invenção das tradições e identidades dos principais clubes de Belo Horizonte, cf. SILVA, Marcelino Rodrigues da. Picadinho de Raposa com sopa de Galo. In: SILVA; DEBORTOLI; SILVA (Org.). *O futebol nas Gerais*, p. 67-89.